



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**CLAUDIA TAILAYNE ALVES DE OLIVEIRA**

**SAÚDE ESCOLAR: O ENFERMEIRO FRENTE À  
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA**

ARIQUEMES  
2014

**Claudia Tailayne Alves de Oliveira**

**SAÚDE ESCOLAR: O ENFERMEIRO FRENTE À  
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentado ao curso de Bacharelado de Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito à obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Esp. Silvia Michelly Rossetto

Ariquemes

2014

**Claudia Tailayne Alves De Oliveira**

**SAÚDE ESCOLAR: O ENFERMEIRO FRENTE À  
EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador Esp. Silvia Michelly Rosseto  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

---

Prof. Esp. Gustavo Barbosa Framil  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

---

Prof. Ma. Laís Ayres Seixas  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes 09 de Junho de 2014.

*Primeiramente a Deus e depois aos meus pais  
por serem sempre meu maior exemplo.*

*Amo Vocês Demais*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por multiplicar a cada dia minha fé e força para que eu não desistisse.

Aos meus pais, Paulo Geovane e Keu Bonela pelo amor incondicional, pela paciência, pela dedicação na qual me ensinaram a ser justa, honesta e humilde, pela presença constante, mesmo quando a distância nos separava e pelas inúmeras vezes que me fizeram acreditar que eu era capaz, agradeço por me fazerem ter orgulho de mim e mais ainda de vocês.

Ao meu irmão Bruno Alves que mesmo em meio a tantas brigas me ajudou e me apoiou em tudo, eu te amo muito por isso maninho.

Ao meu esposo André Castro pelo amor que me dedica, pelo companheirismo durante esta caminhada, por cuidar dos nossos filhos na minha ausência, pela compreensão nos momentos de angústia e desespero e pelas palavras, beijos e abraços que renovavam as minhas forças.

A meus filhos amados que foram minha maior fonte de esperança e vontade de vencer. Vocês são meu tudo, meus anjos, minha vida, meu coração que bate fora de mim.

A toda minha família que simplesmente me amou e sabia que eu iria conseguir em especial meus Avós Carlos e Zezé que sempre me ajudaram em tudo que precisei, e Tio Nenê que sempre me fez rir nos piores momentos, mostrando quão boa é a vida para ser levada tão a sério.

Aos colegas Dryelly Cesconete, Luana Ramos, Gelsieli Ferreti, Raissa Schmit, (In Memoriam) Fernando Arce, Jessica Vale, Jessica Laborda, Marayane Rossi, Lizete Medeiros, Bárbara Rônconi, Marciana Andréia, Eliel Paixão e Arlete Pinheiro que durante a faculdade sempre se fizeram presentes na minha vida e nos meus momentos durante essa jornada.

Aos meus professores por me repassar seus conhecimentos e me fazer querer ser a melhor profissional.

A todos minha grande admiração e respeito.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,  
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem  
foram conquistadas do que parecia impossível.

**Charles Chaplin**

## RESUMO

A adolescência é marcada por grandes transformações orgânicas, cognitivas, socioculturais e afetivas expondo o adolescente a muitos riscos. A escola tem papel fundamental na formação do aluno, inclusive quanto às informações sobre educação sexual e orientação sexual. Este estudo teve como objetivo destacar a importância de atuação do enfermeiro na orientação sexual no contexto escolar. É importante conhecer como os pais vivenciam a educação sexual dos filhos adolescentes, sendo a escola o espaço crucial para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades. Em relação ao modo como orientam seus filhos sobre sexualidade e as dificuldades e facilidades experimentadas, os pais referem que a influência da educação recebida pode facilitar ou dificultar o processo que buscam transmitir para seus filhos uma educação baseada nos valores da família e acham importante o diálogo e a conversa franca com os filhos, embora, algumas vezes, a comunicação entre pais e filhos adolescentes seja difícil. Conclui-se que a educação sexual na adolescência é um processo delicado que necessita ser realizado continuamente e o mais precoce possível. Neste processo o enfermeiro pode atuar na educação em saúde, auxiliando ainda os pais a enfrentar essa nova realidade.

**Palavras-Chave:** Educação Sexual, Saúde Escolar, Adolescência, Enfermeiro

## **ABSTRACT**

Adolescence is marked by large organic, cognitive, affective and socio cultural transformations exposing adolescents to many risks. The school has a fundamental role in the formation of the student, including information regarding sex education and sexual orientation. This study aimed to highlight the importance of nurses' performance on sexual orientation in the school context. It is important to know how parents experience the sexual education of teenagers, with school the crucial space for the development of knowledge and skills. In relation to how guide their children about sexuality and the difficulties experienced and facilities, parents report that the influence of the received education can facilitate or hinder the process forward seeking an education for their children based on family values and find important dialogue and frank discussion with the children, although sometimes communication between parents and adolescent children is difficult. It is concluded that sex education in adolescence is a delicate process that needs to be performed continuously and as early as possible. In this process the nurse can make in health education, further helping parents confront this new reality.

**Keywords:** Sexual Education, School Health, Adolescence, Nurse.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DST'S	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
IBECS	Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MS	Ministério da Saúde
NAM	Núcleo de Adolescentes Multiplicadores
OMS	Organização Mundial de Saúde
PSE	Plano Saúde Escolar
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>11</b>
2.1 OBJETIVO GERAL .....	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
4.1 O ADOLESCENTE DIANTE DA SEXUALIDADE .....	13
4.2 OLHARES SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA .....	14
4.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA .....	15
4.4 SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR .....	16
4.5 O ENFERMEIRO DIANTE DA EDUCAÇÃO SEXUAL .....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## INTRODUÇÃO

A adolescência é marcada por grandes transformações orgânicas, cognitivas, socioculturais e afetivas expondo o adolescente a muitos riscos. A escola tem papel fundamental na formação do aluno, inclusive quanto às informações sobre orientação sexual. A fase da adolescência é considerada um período de transição conflituosa entre a infância e a idade adulta, caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento resultando em grandes transformações fisiológicas, anatômicas, psicológicas e sociais. (SOUZA MM et al., 2008).

Na sociedade atual, a sexualidade ainda é um tema delicado, pois tem sido carregada de preconceitos e tabus gerados pela repressão social e familiar. A educação sexual dos adultos está contida nas percepções e distorções de seus pais, que são em grande parte fruto de uma formação inadequada ou equivocada e, não evoluiu muito do tempo vivido por nossos predecessores até os dias de hoje, principalmente, quanto à conotação, ao sentido e significados impregnados às palavras relativas à sexualidade. (FERNANDEZ, 1996 *apud* JESUS, 2000; TAVARES, 1985).

No processo evolutivo de todo indivíduo, os pais têm papel determinante, mas nem sempre o preparo suficiente para lidar com questões que a adolescência traz, principalmente no que diz respeito à sexualidade. Da dificuldade em educar seus filhos, surgiu a necessidade da escola, como instituição, para desempenhar este papel na formação do aluno. Na verdade, este papel vem sendo atribuído prioritariamente à escola. (TIBA, 1986; TAVARES, 1985; FELIZARI, 1990).

E neste espaço cabe ao enfermeiro aproveitar a oportunidade e desenvolver seu papel, que tem uma importante contribuição na formação e orientação dos adolescentes, principalmente em nível de promoção à saúde. (CANO et al., 1998).

Alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos neste campo ainda incipiente, porém em pequeno número quando comparado à crescente demanda, demonstrando um espaço significativo para a atuação dos profissionais da saúde e em especial de enfermeiros.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Destacar a importância de atuação do enfermeiro na orientação sexual no contexto escolar.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Contextualizar a sexualidade na adolescência;
- Analisar pensamentos sobre orientação sexual;
- Descrever a atuação do enfermeiro frente à educação sexual entre jovens no ambiente escolar;
- Discorrer sobre a importância da educação sexual na escola.

### **3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão bibliográfica atual de artigos indexados e publicados em base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) - que compreende a SciELO (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), IBECs (Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde), e também acervo pessoal e da biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, na área temática de saúde sexual no contexto escolar. Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde - DeCS: educação sexual, saúde escolar, adolescência e enfermeiro. O delineamento temporal baseou-se em periódicos publicados entre os anos de 1979 a 2010. Os critérios de inclusão foram os artigos pertinentes ao tema, escritos em língua portuguesa, inglesa ou espanhola e disponibilizados na íntegra. Já os de exclusão foram os artigos cujo assunto principal não versava sobre os objetivos do trabalho, ou que estivessem incompletos.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 O ADOLESCENTE DIANTE DA SEXUALIDADE

A descoberta do sexo é algo que acontece logo depois da infância, quando se inicia a puberdade. Nolte e Harris (2005) referem que, ele é descoberto como fonte de atração, em parte pelo desenvolvimento dos órgãos genitais e dos impulsos sexuais, que através de suas primeiras manifestações corporais levam o jovem a uma situação ao mesmo tempo de prazer e vergonha. É neste momento que o adolescente não consegue mais ficar alheio às transformações, tenta entender as mudanças no seu corpo e faz às primeiras descobertas em relação à sua sexualidade. (COSTA et al., 1986).

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes observa-se uma infinidade de idéias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa de vida. Entretanto, é justamente neste período da vida que a educação sexual deve ser praticada, não de forma superficial e confusa, mas de forma harmônica e saudável (CHARBONNEAU et al., 1979).

É nesta fase que muitas famílias podem sentir-se despreparadas para atender as exigências dos filhos por sentirem-se incapazes intelectual e emocionalmente para orientar, conduzir, informar e direcioná-los sobre sexualidade em suas várias dimensões. (SIERRA et al., 2004).

Neste sentido, é preciso que tanto os adolescentes como os pais compreendam e vivenciem esta fase valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que tomem consciência de que a família é um espaço essencial na formação destes indivíduos. (MARQUES; VIEIRA; BARROSO, 2003).

Para Antunes (2002), as meninas conversam mais com os amigos sobre métodos anticoncepcionais (66%), e sobre o momento adequado para ter filhos (47% contra 34% dos meninos). Há um número maior de meninas sem experiência sexual (21% contra 5% dos meninos); também, elas apresentam maior dificuldade para negociar o uso de preservativo (30% contra 14% dos meninos) e vergonha de falar para o parceiro sobre as práticas mais prazerosas (37% contra 53% dos meninos). Para elas

o sexo está associado ao amor (93% contra 73% dos meninos). Deve-se discutir a dinâmica dos relacionamentos e o significado do sexo seguro nos diversos contextos afetivos.

## 4.2 OLHARES SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA

É normal associar o termo sexualidade à relação sexual, no entanto o seu significado está além do ato sexual, pois consiste na energia que leva as pessoas a buscar o contato com o outro, o amor, o prazer e a intimidade, influenciando na nossa personalidade, no jeito de ser e nos sentimentos. De acordo com a definição da Organização Mundial de Saúde, é uma necessidade comum do ser humano, que não pode ser dissociada de outros aspectos da vida. (BRASIL, 2006).

Para conceituar sexualidade humana de acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004), é preciso se ater aos componentes socioculturais, que envolve a nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. A sexualidade engloba gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução.

Mudanças nas concepções de sexualidade ao longo da história, para Carvalho e Pinto (2002), provocaram o abandono de velhos padrões. Estes, por sua vez, não foram substituídos por novos padrões norteadores da conduta sexual, acarretando conflitos, angústias e dúvidas.

O mesmo autor afirma que apesar dos avanços ocorridos no campo das ciências sociais e humanas quanto ao estudo da sexualidade, está ainda é um tabu em nossa sociedade. Muitos pais vêm dificuldade em abordar o tema com seus filhos. Portanto, o diálogo aberto é fundamental para o exercício pleno, seguro e responsável da sexualidade, pelos jovens.

De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde) *in* Brasil (1998), a adolescência corresponde ao período entre os dez e os dezenove anos. A adolescência passou a ser mais amplamente discutida, e tornou-se alvo de estudos e intervenções das políticas públicas de saúde, devido o aumento nos índices de gravidez e da incidência de AIDS na população jovem.

### 4.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Para a Altmann et al (2007) existem diversos discursos prescritivos de como os jovens devem viver suas primeiras relações sexuais e de como devem se relacionar sexualmente. Porém, pouco se sabe sobre como eles planejam essas experiências em suas vidas. Na época em que o mesmo autor citado anteriormente desenvolveu a pesquisa, o principal projeto de educação sexual era o Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM). Nas reuniões deste, havia uma professora coordenadora e os alunos e versavam sobre sexualidade, drogas entre outros assuntos. Durante as discussões de pesquisa, surgiu da fala dos alunos a questão de que existem vários tipos de mulheres: fáceis (disponíveis para qualquer “relacionamento” sem compromisso), as de família “sérias” (para namorar sério, casar e constituir família).

O critério de classificação masculina e feminina para a questão de se ter relações sexuais com várias pessoas não é o mesmo: a mulher torna-se desvalorizada enquanto para o homem é normal. A suposta normalidade de como um garoto é visto ao se relacionar com várias meninas pode estar associada à percepção social de que o homem necessita mais de sexo do que a mulher. (ALTMANN et al., 2007).

As meninas ficam preocupadas com a repercussão social da perda da virgindade e acreditavam que ao perdê-la, esta fosse revelada através de mudanças físicas no corpo. Para elas a primeira relação sexual deve ocorrer dentro de um relacionamento amoroso escolhido, estável, contribuindo para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento e, além disso, a relação deve existir a muito tempo e deve continuar a existir depois do ato sexual. O ideal de primeira relação não é uma valorização da virgindade e sim, “de dar especial atenção a primeira relação sexual e como esse ritual de passagem pode tornar-se público” (ALTMANN et al., 2007).

Tonatto e Sapiro (2002) buscaram investigar inovações nas abordagens práticas de ensino e aprendizagem, que atentem para a questão da Orientação Sexual.

Os pais muitas vezes, não sabem como agir ao certo diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos. Aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens não é algo fácil, portanto, para muitas famílias é preciso entender as diferenças de idéias, reverem preconceitos e estereótipos, uma vez que o crescimento dos filhos causa mudanças no meio familiar que podem gerar conflitos entre gerações, momentos de



insegurança, incerteza, dificuldades de comunicação entre pais e filhos. (MALDONADO, 1996).

Discutir a sexualidade é permitir, que desde cedo, crianças e adolescentes procurem cultivar hábitos mais saudáveis, que possam esclarecer dúvidas e falar de questões pertinentes à sua própria saúde. (CRIVELARI, 2007).

Durante a adolescência é comum os filhos ficarem distantes dos pais, dificultando o relacionamento entre ambos. Por inúmeras vezes os pais sentem-se incompetentes para estabelecer relações com seus filhos à medida que vão crescendo, temendo em alguns casos, deparar-se com o despertar da sexualidade. (TIBA, 2005).

#### 4.4 SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A enfermeira poderá assistir/cuidar tanto do adolescente como de sua família neste período de transição, através de aconselhamento, troca de idéias, esclarecimentos e ações que possam prevenir problemas, tornando esta etapa devida mais saudável e harmoniosa. Ela é uma das profissionais da área da saúde que está habilitada para desenvolver ações de educação em saúde, portanto, poderá planejar e implementar ações que favoreçam a saúde do adolescente e também apoiar sua família, pois é nesse período que os pais, embora notando mudanças significativas no modo de ser e de viver de seus filhos, apresentam grande dificuldade para interagir com eles, principalmente no que se refere à sexualidade. (RAMOS, 2001).

Estudos realizados por Nunes e Silva (2001), mostram o aumento da preocupação das lideranças políticas, dos profissionais de saúde, pais e educadores a respeito do compromisso em desenvolver ações integradas para a melhoria na qualidade da assistência ao adolescente. Esta preocupação aumentou em função da precocidade da iniciação sexual entre os jovens e, como conseqüência, a elevação do número de gravidez indesejada na adolescência, bem como de outros agravos à saúde.

Apesar das políticas de saúde e dos esforços dos profissionais da área, ainda há grande índice de gravidez indesejada na adolescência, práticas sexuais inadequadas sem o uso de preservativo, casos de alcoolismo em jovens e DSTs. (CARIDADE, 1999).

Nunes e Silva (2001) sugerem o desenvolvimento de trabalho integrado envolvendo o adolescente, a família e a escola para que os jovens aprendam a conhecer e lidar com sua sexualidade, obtendo, assim, melhor qualidade de vida.

Silva e Tonete (2006), quando referem que trabalhar com família exige atenção especial por parte da enfermeira, pois cada família possui uma história de vida. Quando se trata de abordar questões referentes à sexualidade ela possui valores, mitos, ritos, tabus, costumes e vivências próprias. Portanto, neste processo, a enfermeira e as famílias, devem compartilhar conhecimentos e ações com objetivo de orientar os adolescentes para exercerem sua sexualidade com responsabilidade, dignidade e prazer.

Para cuidar da saúde do adolescente, é preciso envolvimento profissional, respeito à privacidade e a confidencialidade, proporcionando práticas de aconselhamento individual nas quais as informações obtidas somente sejam reveladas com o consentimento do próprio adolescente. (VENTURA e CORRÊA, 2006).

Pode-se atribuir grande parte dos problemas que acometem os adolescentes, como sendo reflexo de práticas sexuais desprotegidas. Dentre estes problemas observou-se um significativo aumento do número de casos de contaminação pela AIDS entre jovens de 13 a 19 anos o que torna mais necessários programas voltados para esse público. (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004).

A enfermeira que atua na promoção da saúde do adolescente precisa estar ciente de seus direitos e da inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral. (BRASIL, 2003).

A enfermagem deve implementar ações que tenham como objetivo principal, a saúde e a qualidade de vida do adolescente as quais devem ser realizadas baseadas em conhecimento não só teórico e prático, mas também em conhecimentos das experiências de vida do próprio adolescente. Só assim, os programas de assistência voltada para os adolescentes podem obter melhor eficácia e resolutividade. (RAMOS, 2001).

A prática de orientação sexual de adolescentes faz parte da prática da enfermeira, mas não deve se restringir apenas à transmissão de conhecimentos. Ela deve atender também os adolescentes em suas necessidades e particularidades. (BORGES, NICHATA e SCHOR, 2006).

As enfermeiras devem discutir este tema desfazendo tabus e preconceitos, trocando experiências buscando proporcionar uma vida mais saudável aos adolescentes. (MANDÚ, 2001).

Portanto, há necessidade de se refazer uma política de saúde compromissada com os adolescentes a qual deveria ser realizada por profissionais capacitados para promoverem a saúde e melhorarem as condições de vida dos adolescentes, motivando-os a assumir responsabilidade pelo seu corpo e sua sexualidade, agindo como cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. (BORGES, NICHITA e SCHOR, 2006).

Falar sobre riscos é prevenir a saúde imediata dos alunos. Mas falar do prazer é preservar a saúde psicológica por toda a vida. (TIBA, 1994).

#### 4.5 O ENFERMEIRO DIANTE DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Apesar de, a escola ser o espaço ideal, de existirem profissionais interessados e existir demanda, é ainda muito difícil para a sociedade permitir a implantação formal desse tipo de trabalho, porque isso seria “permitir” aceitar um confronto direto com o sexo, revivendo todas as dúvidas e hesitações que impediriam o adulto de tratar sobre a sexualidade de modo aberto e franco. (TAVARES, 1985).

Cabe ao Enfermeiro participar da formação de uma equipe que atue neste campo, para lidar com a sexualidade de crianças e adolescentes de forma sadia, fazendo com que ela possa ser desfrutada e vivida responsavelmente. (TAVARES, 1985).

Segundo Correa (2000), a atuação do profissional junto ao grupo vem se configurando como objeto da assistência de Enfermagem somente nas últimas décadas. Desde então, a Enfermagem vem atuando através de práticas assistenciais e educativas, junto a outros profissionais de saúde e educação no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, controle das DST's, prevenção de gravidez indesejada, entre outras necessidades do grupo.

O enfermeiro está apto e pode ministrar aulas, em um trabalho interdisciplinar ou multiprofissional. Ele reúne conhecimentos específicos para o atendimento das questões de saúde e isto deve ser articulado junto aos professores servindo de apoio

para que os mesmos possam futuramente com segurança assumir tal posicionamento. Sua ação educativa tem o propósito de orientar os adolescentes acerca das mudanças que ocorrem no seu corpo, ressaltar aspectos preventivos e curativos das doenças as quais estão expostos, neutralizar nos adolescentes os fatores de ordem social e cultural que contribuem nocivamente para o alastramento de doenças, orientando-os acerca de métodos contraceptivos e outros. (FERRIANI, 1997; FERREIRA, 2000).

Os enfermeiros, como profissionais de saúde conformação generalistas, atuam nas diversas áreas, preventivas ou curativas, sendo que na educação em saúde, a saúde dos adolescentes constitui uma interface da sua atuação. (FREITAS e DIAS, 2010).

E no tocante ao papel do enfermeiro, é urgente reformular o processo de trabalho, a partir da criação de novos saberes que visam a favorecer tanto a formação profissional, quanto a capacidade de produzir e readequar novos recursos tecnológicos do tipo educativos. (GUBERT, 2009).

Devido a isso tem a necessidade de criação de espaços e escuta na escola e nos serviços de saúde, próprio para os adolescentes, que permita o estabelecimento de um vínculo com os profissionais e educadores, proporcionando um atendimento mais qualificado, visto que apesar de algumas políticas públicas atuais como o PSE, estimularem essa interação, ainda não conseguiram superar as barreiras para integração entre educação e saúde e assim, o profissional da enfermagem consiga desempenhar seu papel de forma mais completa. (GUBERT, 2009).

Concordando então com a importância do enfermeiro na escola, Moizés e Bueno (2010), afirmam que a maioria dos professores prefere que profissionais da área da saúde dêem palestras e orientações sobre sexualidade, sendo assim, estes são grandes aliados dos docentes, no sentido de conscientizá-los e capacitá-los.

Sabe-se que diante da falta de orientação e da ausência de diálogo sobre sexualidade na família, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes, ainda mais ou igualmente imaturos, o que contribui para a prática do sexo inseguro e aquisição de informações errôneas. (ALMEIDA e CENTA, 2009).

Os resultados mostraram que era com os amigos com que os adolescentes conversavam com maior frequência sobre sexo, perfazendo 57,2% do grupo masculino e 45,3% no grupo feminino. (BORGES, NICHATA e SCHOR, 2006).

Durante a adolescência é comum este afastamento da família, sendo assim os adolescentes passam a conviver mais com os amigos, com os quais se identificam, estes passam a ser confidentes e cúmplices dessa fase da vida. Entre eles, as conversas se tornam mais fáceis, devido ao fato de estarem passando por momentos parecidos e terem dúvidas semelhantes em muitas situações novas, o que torna a conversa espontânea e sem constrangimento. Diante desse contexto fica evidente que os próprios jovens podem contribuir com o processo de viver saudável de seus colegas, “pois é indispensável reconhecer que o jovem é detentor de saberes e práticas que devem ser respeitadas e valorizadas na construção do conhecimento”. (FONSECA, 2010).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A orientação sexual dos adolescentes é um assunto que tem sido bastante abordado na atualidade, mas em ambiente escolar não é um assunto fácil de ser

trabalhado, pois envolve alguns fatores: a escola, os educadores, a família, a enfermagem, uma equipe multidisciplinar e o próprio adolescente, porque ela envolve valores, mitos, costumes, crenças, tabus e preconceitos das pessoas envolvidas.

Deste modo, a enfermeira, enquanto profissional que realiza educação em saúde, necessita estar significativamente preparada para realizar o atendimento integral ao adolescente e a sua família, particularmente quando se refere à educação sexual, pois com isso promoverá qualidade de vida a estes indivíduos e prevenirá problemas futuros. Para isso, ela deverá desenvolver um trabalho voltado para as reais necessidades dos adolescentes, envolvendo suas famílias.

A afetividade e a responsabilidade devem estar inseridas no processo de viver a sexualidade pelos adolescentes, devendo ser estimulados pela família e pela escola.

Atentos à maneira como a sexualidade está sendo ensinada no espaço escolar, acham importante relacionar sexo com amor e não simplesmente como uma atração física ou prazer.

Os jovens muitas vezes aprendem através das informações trazidas pela mídia como se fossem verdades exatas, sem conseqüências e que devem ser copiadas. E por não analisarem as informações disponibilizadas pela mídia, tornam-se vulneráveis a diversas situações (DSTs e gravidez).

Considerando o perfil epidemiológico das doenças sexualmente transmissíveis no panorama mundial ainda é alto o índice de gravidez na adolescência, a adoção de medidas educativas direcionadas a população jovem, na busca de diminuir os riscos que os mesmos estão expostos, é responsabilidade da sociedade como um todo. Assim, o que antes era assunto restrito e função da família tende a ser incorporada também pela escola.

Desta forma, se faz indispensável uma maior aproximação entre a unidade de saúde e a escola, sendo que estes dispositivos são fundamentais para uma atenção integral à saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. de L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, Toledo, v. 22, p.71-76, fev. 2009. Trimestral. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002009000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002009000100012&script=sci_arttext)> . Acesso em: 12 jan. 2014.

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, ago. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-26X2007000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2007000200004&lng=pt&nrm=iso)>.

ANTUNES, M. C. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n.4, ago. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034102002000500013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034102002000500013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 maio. 2014.

BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sócio-familiar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14,n.3, p.422-427, maio/jun. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos: Apresentação dos Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 285-335.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 4. ed. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CANO M.A.T., et al. A produção do conhecimento sobre adolescência na Enfermagem: período 1983 a 1996. **Rev. Latino am. enfermagem**, v. 6, n. 1, p. 91-97, jan, 1998.

CARIDADE, A. O adolescente e a sexualidade. In: Schor, N; Mota, M. S; Branco, C. B. (org.) **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1999.

CARVALHO, A. P. M. Ser ou não ser quem são os adolescentes? In: CARVALHO, A. SALLES, F. GUIMARÃES, M. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex - UFMG, 2002.

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO Brasil, 2004.

CHARBONNEAU, P. E. **Educação sexual**: seus fundamentos e seus processos. São Paulo: EPU, 1979.

CORRÊA, A.C.P. Enfermagem Brasileira e a Saúde do Adolescente. In: RAMOS, FRS.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R.G (Org.). **Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Enfermagem/Projeto Acolher, 2000. p. 63-67.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimento. 6. ed. Porto Alegre,RS: LPM, 1986.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade**: guia prático para professores de ensino fundamental. São Paulo: Lua, 2007.

FELIZARI, G.M.C. Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, v. 11, n. 2, p.12-19, jul. 1990.

FERREIRA, M.A. Inserção da Saúde do Adolescente na formação do Enfermeiro: uma questão de cidadania. In: RAMOS, FRS; MONTICELLI, M. NITSCHKE, R.G (Org.). **Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Enfermagem/Projeto Acolher, 2000. p. 68-72.

FERRIANI, M.G.C. Educação em saúde na escola: o papel do professor e do enfermeiro. **Rev. Brasileira Sexualidade Humana**, v. 8, n.2, jan. 1997.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p.351-357, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br /scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072010000200017](http://www.scielo.br /scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017)>. Acesso em: 16 abril. 2014.

FONSECA, Adriana D. Percepção de Adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, p.330-337, abr.2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/16.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

GUBERT, F. A. Tecnologias educativas no contexto escolar estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v.11, n. 1, p.165-172, 2009. Disponível em: <<http://WWW.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a21.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2013.



JESUS, M.C.P. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da enfermagem. In: RAMOS, FRS.;MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R.G (Org). **Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Enfermagem/Projeto Acolher, 2000. p. 46-55.

MALDONADO, M.T. **Vida em família: conversas entre pais e jovens**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MANDÚ, E.N.T. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Brasília, DF: ABEn, 2001,p.61-74.

MARQUES, M. F. C.; VIEIRA, N. C.; BARROSO, M. G. Adolescência no contexto da escola e da família: uma reflexão. **Revista Saúde, Família e Desenvolvimento**, Curitiba, v.5, n.2, p.141-146, maio/ago. 2003.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M.V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, São Paulo, v. 1, n. 44, p.205-212,mar.

NOLTE, D.L.; HARRIS, R. **Os adolescentes aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

NUNES, C.; SILVA, E. **Sexualidade (s) adolescente (s): uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência**. Florianópolis: Sophos, 2001.

RAMOS, F.R.S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Brasília: ABEn, 2001, p.11-18.

SIERRA, A. **Educação da sexualidade**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

SILVA, I.; TONETE, V.L.P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.2, p.199-206, mar./abr. 2006.

SOUZA M.M; DEL-RIOS NHA, MUNARI D.B., WEIRICH C.F. Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia-GO. **Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]**. V.10, n.2, p.460-471, 2008. Available -from :<<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a17.htm>>

TAVARES, C.A. Orientação sexual para crianças e adolescentes: proposta para formação de enfermeiros como educadores sexuais. **Rev. Paulista Enferm**, v. 5, n. 1, p. 8- 11, jan/mar.1985.

TIBA, I. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente, 1994.

TIBA, I. **Adolescentes**: quem ama, educa! 10. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

TIBA, I. **Puberdade e Adolescência**: Desenvolvimento Biopsicossocial. São Paulo: Agora, 1986.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, MG, v. 14, n. 2, dez. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822002000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822002000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2013.

VENTURA, M.; CORRÊA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.22, n.7, p.1505-09, jul. 2006.